

## Quadrinhos na Universidade

Tem gente que entra no mundo dos desenhos para não morrer virgem. Outros porque simplesmente não sabiam fazer outra coisa além de rabiscar por aí. Uns usam os desenhos para ensinar Física (!) em escolas carentes. Uns, que não sabem desenhar, roteirizam ou fazem piada da própria vida com as palavras. De qualquer jeito, uma coisa é certa: ninguém é inocente nesse universo de tiras, charges, e histórias em quadrinho.

Irreverência, ética, censura prévia: nas páginas de jornal é preciso pensar muito antes de publicar uma charge. Numa palestra que reunia Aroeira, Alviño, Arnaldo Branco e Leonardo, a discussão não poderia deixar de cair nesses temas-chave. Afinal, dizem que essa geração de desenhistas modernos só pensa em “zoar”. Ora essa... e poderia ser diferente? Juntando dois desenhistas dessa geração moderna com dois mestres na charge jornalística, um papo animado que rendeu vários conceitos-chave. Sem papas na língua, Aroeira solta frases como “o papel social do chargista é provar que esses filhos da puta não são tão sérios quanto parece; portanto, podemos zoá-los e quem sabe derrubá-los”.

Arnaldo Branco, interrogado diversas vezes sobre seu personagem de maior sucesso, o Capitão Presença (super-herói cujo único poder é fornecer maconha para os que não têm), mostra-se um tanto encabulado. Afinal, considera a gênese da sua criação imbecil demais para ter rendido tanto bafafá. A mesa porém respondeu: comportamento é política! E é seguindo essa linha que são discutidas as personagens de Alviño, chargista de esportes que trabalha principalmente com o elemento “torcedor”, e as personagens de Leonardo, que muitas vezes fogem totalmente ao seu controle. Arrancar uma gargalhada ou uma lágrima não é fácil não!

Já quando o papo é *underground*, nada melhor que incluir um nome das antigas entre os editores e colaboradores de três produções independentes. Sérgio Cabral, ex-membro do Pasquim, contou com fala baixa e mansa anedotas do tempo da irreverente publicação, lembrando os tempos da ditadura militar e fazendo troça dos censores. Como precisou sair cedo, a mesa acabou sendo dominada pelos expoentes da nova geração. Os rapazes da *Mosh!*, Lobo e Renato Lima, apresentaram o discurso de quem sabe o que faz, contando a história de sua publicação, nascida de maneira totalmente independente em um curso de extensão da universidade Estácio de Sá e agora uma espécie de cult entre os roqueiros, principalmente do Sul e Sudeste do país. Chegaram até a levar o prêmio de melhor revista independente do Brasil!

A galera da *Tarja Preta*, encabeçada pelo editor Matias Maxx (que é, aliás, modelo, para a criação do Capitão Presença) e Arnaldo Branco, bateu um papo

não tão objetivo quanto o dos rapazes da *Mosh!*, centrando-se principalmente na questão da liberação das drogas e a irreverência nas criações que não são apoiadas por burocratas e marketeiros. Por vezes soaram confusos, porém, quem conhece sua publicação entende bem sua “zoeção”.

Luimar Duarte conversou sobre sua revista, a *Banda Grossa*, que é promovida pela Semana de Quadrinhos, revelando que grande parte dos criadores dos trabalhos mais chocantes da revista, baseada no mais puro escracho, é feita por alunos do curso de HQ por ele ministrado – alguns ainda nem entrados na puberdade.

Agora, para falar de história, educação e cultura nas HQs, nada melhor do que chamar especialistas no ramo. Valdomiro Vergueiro, professor da ECA-USP, e Moacy Cirne, professor da UFF, dividiram a mesa com Chico Caruso e discutiram a crescente crise de identidade da cultura brasileira no mundo das HQs. Caruso, que se manteve calado a maior parte do tempo ante a discussão teórica dos dois mestres, mostrou seu projeto de alavancar o interesse de crianças carentes por matérias “impopulares” como Física (Caruso é formado na disciplina) através da criação de HQs entre os alunos. Moacy várias vezes perdeu-se em divagações sobre a cultura brasileira, principalmente sobre o Nordeste, sua terra natal, e a crescente americanização de cidades como Natal, enquanto Vergueiro centrou-se nas teorias de Stuart Hall sobre a identidade cultural na pós-modernidade.

A exposição foi complementada por Octavio Aração e Carlos Patati, ambos grandes conhecedores da história da HQ no mundo, na palestra cujo tema era “Linguagem e estética na HQ e artes seqüenciais”. Perceber a falta de uma produção nacional forte em HQ fora de Turma da Mônica e criar uma identidade totalmente inovadora a partir dela são o grande desafio dos artistas. Patati, em discurso forte e marcante, relatou sua experiência como roteirista, Aração apresentou sua *graphic novel* *The Long Yesterday* (paródia dos filmes *noir* americanos), e foram assim ilustrando suas contribuições para a perpetuação da HQ, sem ser a de humor, em território nacional. Dividiram a mesa com Anna Fortuna, escritora do *Pasquim XXI* e criadora da escrachada mulher-cartum, e Adão Iturrusgarai, criador da popular Aline, a menina de dois namorados.

Ana revelou sua dificuldade de fazer rir apenas com texto, ao passo que Adão, que passou a maior parte do tempo esboçando personagens a partir de espectadores na platéia, apresentou um discurso simples, um tanto atrapalhado, no qual ressaltou a casualidade de suas criações. Arrancou inesperadamente gargalhadas da platéia quando foi levada à baila a questão de sua personagem, o caubói gay Rock Hudson, e a recente produção *Brokeback Mountain*: com certeza, uma das palestras mais divertidas do evento.

Para falar sobre HQs, cinema e internet, nada melhor do que chamar Miguel Paiva, cujas obras *Radical Chic*, *Ed Mort* e o *Gatão de Meia-Idade* já se tornaram filme e séries televisivas, Maurício Ricardo, o criador das divertidas charges e paródias animadas no site da UOL, e Túlio Navega, que possui um blog centrado em HQ no globo.com. Paiva comentou que muitas vezes, para o cinema, falta senso de humor, afirmando que é difícil manter engraçada uma piada transferida do papel para a telinha sem perder o conteúdo. Maurício Ricardo mostrou alguns de seus trabalhos no datashow do auditório, esbanjando bom humor e *feeling* para a animação em *flash* via Internet, e Navega, um tanto tímido, discutiu seu papel como formador de opinião via blog.

Quando perguntados a respeito da inspiração, Maurício lembrou uma famosa frase de Henfil: “Inspiração é um cachorro preto chamado *deadline*”. Tem de ter culhões para admitir isso diante de um auditório recheado de aspirantes a profissionais no mercado de HQ.

Resta sempre a eterna discussão levada à baila por Marcelo Marão, professor da PUC-Rio, Marcos Magalhães, organizador do Anima Mundi, Antonio Moreno, professor da UFF, e Allan Sieber, colaborador, desenhista e roteirista dos estúdios Tosco Graphics, das revistas *Tarja Preta*, *F!*, *Sexy*, *Trip*, etc.: seria a animação uma evolução dos quadrinhos? A discussão tomou um viés por demais didático, graças à exposição do professor Antonio Moreno, porém explicativo. Afinal, é preciso conscientizar o público quanto às diferenças e semelhanças entre os dois tipos de arte.

“Cinema é arte coletiva, animação é individual”, disse Marcos Magalhães. Com certeza, essa frase resume de maneira geral a grande discussão da última palestra. A platéia se mostrava interessada principalmente nos trabalhos de Sieber, mais populares entre os jovens, que, assim como os outros artistas, não sabia exatamente se expressar.

Por fim, tivemos o show informalíssimo dos Optimistas, banda que contava com a presença dos palestrantes Aroeira e Marcos Magalhães, dentro do diminuto espaço do Sujinho. Mesmo depois de tanta chuva, frio e cansaço, a galera ainda teve forças para se divertir. Com certeza, foi um *gran finale* tão bom ou melhor do que se poderia ter imaginado.

*Amanda Meirinho*

**ARDEIRA SOLTA O VERBO:**

*O papel social do chargista é  
provar que essas filhas da puta  
não são tão sérios quanto parece:  
portanto, podemos zoá-los e  
quem sabe derrubá-los.*

*O artista **não** pode se impor limites, e sim a socie-  
dade, ou o leitor, ou o jornal!*

*Tem é que ser um irrespon-  
sável auto-controlado!*

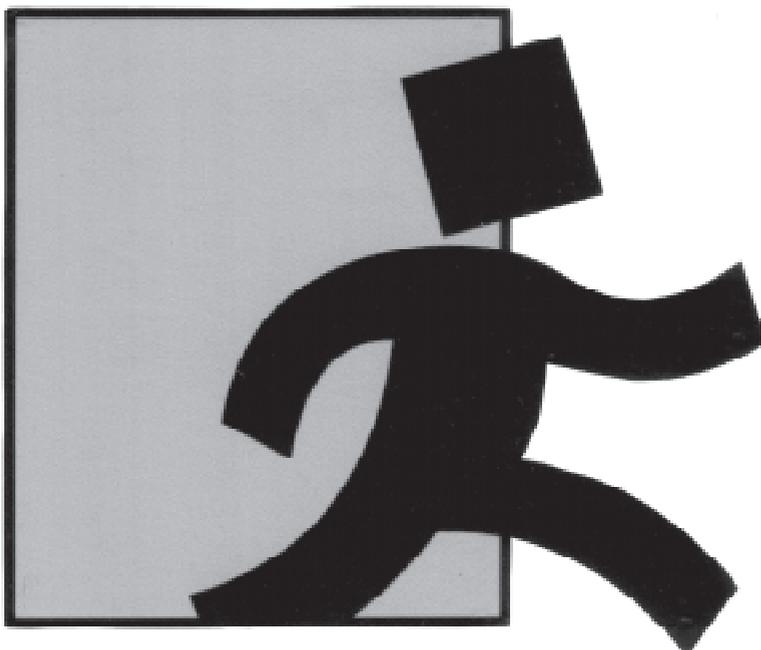


# CHARGES: HUMOR NAS PÁGINAS DE JORNAL

Irreverência, ética, censura prévia: nas páginas de jornal é preciso pensar muito antes de publicar uma charge. Numa palestra juntando Arnaldo Branco, Alvílio, Aroeira e Leonardo, a discussão não poderia deixar de cair no assunto. Afinal, dizem que essa geração de desenhistas modernos só pensa em “zoar”. Ora essa... e poderia ser diferente? Juntando dois artistas da nova geração com dois mestres na charge jornalística, tivemos um animado bate-papo que deu muito o que falar.

10 DE MAIO DE 2006  
QUADRINHOS E HUMOR

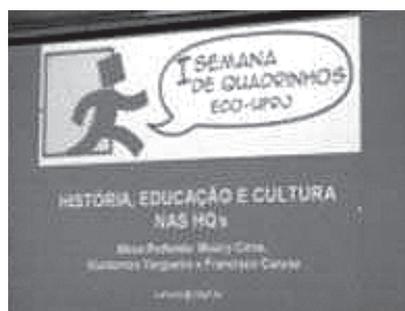




### **I Semana de Quadrinhos ECO-UFRJ**

Durante os dias 10, 11 e 12 de maio de 2006, a Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro realizou em seu campus, na Praia Vermelha, um evento dedicado às histórias em quadrinhos e à animação em suas mais variadas formas e gêneros, tais como a charge, o humor, e a ficção científica, além de oferecer oficinas práticas e teóricas.

Mesa- redonda do 2º  
dia: “História,  
Educação e Cultura  
nas HQs”





Lançamento da Revista Banda Grossa

AMANDA MEIRINHO é aluna da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro.